

**Ekaitz Etxeberria Gallastegi,
«Estrategia y Táctica militar en la
Castilla del siglo XV (1407-1492)».
(2019)**

**Ekaitz Etxeberria Gallastegi,
“Strategy and Military Tactic in Castile of the
XV century (1407-1492)”.
(2019)**

João Gouveia Monteiro
Universidade de Coimbra

Tese de doutoramento dirigida pelos Professores José Ramón Díaz de Durana Ortiz de Urbina e Jon Andoni Fernández de Larrea Rojas (Universidad del País Vasco) e aprovada em provas públicas realizadas em Vitoria, no dia 18 de outubro de 2019.

Esta investigação aborda um tema muito interessante, mas exigente, tendo em conta um certo ‘vazio’ historiográfico acerca da prática da guerra em Castela ao longo da centúria de Quatrocentos, mau grado a amplitude de ocorrências militares relevantes. Por outro lado, a escassez de documentação de natureza administrativa obrigou o autor a trabalhar com um significativo e variado número de fontes narrativas, o que exigiu cautelas especiais do ponto de vista hermenêutico, agravadas pelo grande sortido de cenários bélicos considerados e pela diversidade das putativas influências militares recebidas, quer internas, quer externas (do Norte da Europa ao mundo muçulmano).

<http://www.journal-estrategica.com/>

Trata-se de um trabalho que compreende cerca de 300 páginas de texto (incluindo várias centenas de notas de pé de página), a que acresce uma extensa Bibliografia (com cerca de 45 páginas de Fontes e Estudos) e numerosos Anexos, Tabelas e Mapas. Do ponto de vista formal, a dissertação, elaborada no quadro do Programa de Doutoramento «Europa y el Mundo Atlántico: Poder, Cultura y Sociedad» está bem escrita (usando a língua castelhana e também um resumo em língua inglesa) e organizada de forma coerente, com uma distribuição harmoniosa por capítulos e uma sequência lógica e de fácil apreensão. As ideias são claras e pode constatar um excelente equilíbrio entre a análise teórica e a ilustração prática, graças ao recurso a um grande número de exemplos concretos, o que faz com que este trabalho esteja muito documentado e abonado, sem prejuízo do seu estilo didático.

Assim, no capítulo inicial (cerca de 45 páginas), o autor, depois de justificar de forma pertinente a cronologia utilizada (desde o início do reinado de Juan II até ao termo da conquista de Granada: 1407-1492), analisa o «estado da questão» a nível europeu, revelando grande erudição e conhecimento de causa em matéria da evolução dos estudos de história militar medieval ao longo dos séculos XIX, XX e inícios de XXI. Fica também muito claro o enfoque prioritário desta tese («War and Society», ou seja, a guerra vista na sua relação profunda com a matéria social circundante), assim como o objetivo principal (o estudo das formas de fazer a guerra, em especial a cavalo, na Castela de Quatrocentos) e o acervo documental de base. Realço, neste particular, a boa identificação e caracterização tipológica das fontes utilizadas.

No segundo capítulo (cerca de 30 páginas), o autor estuda a organização das hostes medievais (sobretudo do ponto de vista da realeza, embora não só), incluindo os métodos de recrutamento, a estrutura interna e a liderança. Este último aspeto merece um destaque especial, sendo discutida de forma muito pertinente a relação da nobreza com o comando dos exércitos, nos seus aspetos positivos e negativos.

O terceiro capítulo (cerca de 50 páginas) dedica-se ao estudo da estratégia militar utilizada e foi construído um pouco à luz do debate teórico desenvolvido no seio da comunidade científica internacional (em especial a de língua inglesa, castelhana ou portuguesa) ao longo dos últimos vinte anos, em torno do chamado «paradigma Gillingham (ou Smail-Gillingham) modificado»: guerra de desgaste ou batalha campal? Prós e contras? Exemplos e resultados concretos? Conclusões a retirar?

Especificidades castelhanas face ao contexto europeu e às aspirações/necessidades expansionistas do reino de Castela na centúria de Quatrocentos? O autor não se furta ao debate e fundamenta com solidez as suas ideias em relação a todos estes temas.

No seu quarto capítulo (cerca de 45 páginas), esta dissertação aplica um «zoom» sobre a chamada «guerra de usura», sendo consideradas as várias faces deste poliedro: colunas de marcha, acampamento, abastecimento, efetivos, modelos táticos, entre outros aspetos relevantes.

O capítulo cinco (com perto de 50 páginas) prolonga o anterior mas neste caso o «zoom» é aplicado à guerra de cerco, sendo estudados os diversos tipos de assalto ou bloqueio, os recursos e meios envolvidos, as mutações registadas após a generalização das armas de fogo, entre outros. Neste ponto, destaco também a relevância concedida ao estudo da guerrilha urbana, o que, pela sua originalidade e pertinência, constitui um trunfo significativo deste trabalho, bem ancorado na excelente tradição da escola da Universidad del País Vasco (refiro-me em especial aos trabalhos pioneiros do Professor Jon Andoni Fernández de Larrea).

Ainda assim, neste quinto capítulo, tão orientado para a poliorcética, julgo que teria sido interessante explicar um pouco melhor o papel dos ‘exércitos de guarnição’, nomeadamente a forma como estes eram constituídos, comandados e organizados em tempo de guerra e também em tempo de paz (escolha dos alcaides, vigilância das muralhas, rondas noturnas, sistemas de comunicação e de alarme, etc.).

Por fim, o capítulo sexto (com quase 40 páginas) completa o «zoom» do autor sobre as diversas formas de guerra, analisando as batalhas campais: o conceito, as *nuances*, as tipologias, os efetivos, os modelos táticos, as ‘armas’ ao dispor dos comandantes (cavalaria pesada, cavalaria ligeira, infantaria), com as respetivas articulações e especialidades.

A conclusão (perto de uma dúzia de páginas) é um dos pontos fortes desta dissertação. Destaco dez dos aspetos mais relevantes e que deverão merecer a especial atenção do leitor:

i) a inexistência de um exército profissional e permanente em Castela até ao termo da guerra de conquista de Granada (1492) e às campanhas itálicas do *Gran Capitán* (1494-1504). Trata-se de um tópico importante, pois é muito vulgar confundir-se um corpo armado pago com um verdadeiro exército profissional. Ora, todo o soldado inscrito num exército profissional é remunerado, mas nem todo o soldado que é re-

munerado (ainda que permanentemente, por exemplo nos cenários de guerra africanos, indianos ou latino-americanos) faz parte de um exército profissional, que é uma realidade muito mais exigente e multifacetada (aquartelamentos, uniformes, treino regular, etc.);

ii) a ausência de escolas de formação de comandantes militares e respetivos reflexos em termos de eficiência dos exércitos castelhanos do século XV (com especial atenção ao caso dos capitães de fronteira). Aqui, como exercício comparativo, teria sido interessante evocar o momento fundacional das academias militares em Espanha, algo que creio não ter surgido antes de bem consolidada a Época Moderna;

iii) a combinatória entre várias estratégias e modelos táticos, na hora de planificar as ações bélicas: as guerras de desgaste por aproximação indireta e as ações de ataque direcionado e fulminante não são necessariamente exclusivas no quadro de uma mesma campanha!

iv) a importância da ‘propaganda de guerra’ como fator de elevação dos níveis anímicos e de construção de uma ‘cultura de vitória’ (política e militar). Neste tópico crucial, talvez houvesse ainda um pouco mais a dizer, explicitando os meios utilizados para essa ‘propaganda’, no sentido de clarificar até que ponto poderemos admitir a existência de uma ‘opinião pública’ na Castela da segunda metade de Quatrocentos, pelo menos ao nível dos círculos letrados e/ou mais próximos da corte régia, ou das grandes casas senhoriais;

v) *case studies*, com destaque para o condestável D. Álvaro de Luna (meados de Quatrocentos) e também para a Guerra de Sucessão Castellhana (Toro, 1476), curiosamente dois casos com uma relação tão estreita com Portugal!

vi) a diversidade de objetivos das operações de *razia* (incursões, *ca-valgadas*), incluindo a destruição da base agrícola (e fiscal, acrescento eu) das povoações e dos territórios abrangidos;

vii) o predomínio, em Castela, até 1492, da cavalaria (montada e desmontada), ainda que apoiada por uma infantaria que, com raras exceções (*vide* Mungia 1471), não era, só por si, decisiva para conseguir a vitória;

viii) a inexistência de uma «mudança revolucionária» na arte militar castelhana de Quatrocentos, mas antes de uma acumulação de *câmbios* pontuais capazes de gerar novos equilíbrios, sem pôr verdadeiramente em causa a base militar herdada do passado (com uma matriz ainda claramente feudal);

ix) a relação entre as guerras privadas, a conflitualidade urbana e o crescimento da importância de milícias da infantaria nortenha no último quartel de Quatrocentos. Aqui, o futuro permitirá decerto ao autor aprofundar o seu estudo sobre as formas concretas de organização das milícias de infantaria, tando numa escala local (ou seja, ao nível das principais cidades), como numa escala mais ampla, com dimensão regional (Galiza, Astúrias, País Basco...);

x) a diferenciação do exército castelhano relativamente ao modelo tático inglês (infantaria defensiva, arco-longo), o que torna o caso castelhano mais próximo do francês ou do italiano, na mesma época!

Em geral, e ressaltando as observações que fui fazendo, estes dez aspetos são argumentados de forma convincente e revelam bem que Ekaitz Etxeberría Gallestegí não se limitou a acumular informação das fontes e a distribuí-la pelos vários capítulos da tese, deixando ao leitor a obrigação de a interpretar. Pelo contrário, o autor tem pensamento próprio e original e percebeu que é preciso que exista ‘uma tese dentro da tese’ para que o seu trabalho tenha realmente nível universitário e possa constituir um contributo decisivo para o futuro da investigação nesta área específica, hoje em dia com um índice de crescimento tão visível na Europa e na América do Norte.

Para concluir, os resultados obtidos pelo jovem doutorando (tem apenas 29 anos) e a maneira clara e madura como são apresentados fazem desta tese um significativo contributo para o preenchimento de uma lacuna evidente da historiografia medieval, não apenas no contexto ibérico, mas também europeu.

Espero que a vida proporcione a este jovem (como a outros que percorrem caminhos semelhantes) as oportunidades profissionais que ele indiscutivelmente merece. E que daí resulte o aprofundamento deste estudo, não apenas nos sentidos que atrás fui indicando, mas também, e a título de exemplo, no de uma maior explicitação da forma como evoluiu a relação de forças entre, por um lado, os exército reais castelhanos e, por outro, as hostes aristocráticas e senhoriais que em Castela – contrariamente ao que sucedeu e Portugal – tão poderosas eram e tão influentes foram na história política do nosso reino vizinho.

Fica também o desejo de que o magnífico estudo que aqui comentamos possa inspirar este (ou outro) autor para uma tarefa inadiável: uma pesquisa e reinterpretação de fundo acerca da atividade militar na Castela do século XIV...

